

DO PICADEIRO A SALA DE AULA: O RESGATE DA SENSIBILIDADE NA PRÁTICA EDUCATIVA

Carmem Simone Santos do Carmo
Edna dos Santos Silva
Gilmara Dias Dantas
Rosália Silva Franchin

“Cheguei de uniforme novo[...]

Fui acolhido por dona Maria Campos, minha primeira professora[...]segurou minha mão e a fila foi andando em direção à sala de aula[...]Meu coração disparou de amor...

Dona Maria vestia-se por todo o sempre com roupa clara[...]me emprestou seu lenço[...]não usei com medo de sujar no nariz e ela não mais gostar de mim. Todo cuidado era pouco para não perder o seu amor. Sua alvura na roupa, seu olhar capaz de ver muito depois das coisas, sua voz mansa - mistura de fortaleza e doçura- me instigavam ao silêncio. Ela não pedia, mas eu a presenteava.

[...]Vaidosa, ela me apresentava os sinais para escrever e ler o mundo. Ganhar o seu visto feito com lápis azul ou vermelho riscava com alegria toda a minha vida[...]

[...]Na primeira carteira eu prestava atenção a tudo, sendo elogiado como menino aplicado, cheio de futuros. Nunca soube se precisava mesmo de suas lições ou de seu carinho. E isso ela me presenteava. Eu aprendia para ela. Mas, se não me esqueci de sua presença, valeu a pena.

[...]Sei que nesses atos singelos, praticados com gestos amorosos, dona Maria Campos me ensinou demais, [...]

[...]Ingênuo, supondo ser a vida um processo de soma e não de subtração, juntei de cada um dos meus mestres um pedaço e protegi na minha intimidade. Concluo agora que, de tudo aprendido, resta a certeza do afeto como a primordial metodologia. Se dona Maria me tivesse dito estar o céu no inferno e o inferno no céu, seu carinho não me permitiria dúvidas.” (QUEIRÓS in Abramovich, 1997, p. 25-33).

RESUMO

O estudo da vida afetiva em sua relação com o desenvolvimento cognitivo representa ainda hoje uma lacuna nas práticas pedagógicas. Assim sendo, de maneira fluente, este artigo sustenta que a ausência de uma educação que aborde a sensibilidade na sala de aula traz prejuízos irremediáveis à ação pedagógica. Demonstra ainda que um professor disposto a conhecer a relação intrínseca entre sensibilidade e desempenho cognitivo, terá um importante instrumento para atuar com desenvoltura em determinadas situações sem ficar alheio a ela. Diante de tais argumentos, determinou-se como um dos principais objetivos, o desejo de refletir acerca do fazer pedagógico, como uma obrigação dos educadores, em prol de uma grande virada com a intenção mais circunscrita de colocar em destaque a necessidade de um educador sensível e talentoso que ouse reencantar o pequeno-grande espaço de uma sala de aula, tornando os alunos mais felizes.

Palavras chave: professor-aluno - sensibilidade - prática educativa.

INTRODUÇÃO

É cada vez mais claro que a qualidade da educação não se restringe aos aspectos exclusivamente sociais, mas também leva em conta o contexto no qual se dá a aprendizagem, o que inclui o clima de convívio humano no ambiente escolar e a qualidade do trabalho desenvolvido pelo professor no cotidiano da sala de aula. Nessa expectativa, as experiências prazerosas deixam as crianças motivadas e realizadas, as experiências negativas são causadoras de fracasso e desânimo. E é nessa abordagem que se aproximam as posições defendidas por Almeida (1999). A autora lembra que a ação da escola não se limita ao cumprimento da instrução, mas principalmente à função de desenvolver a personalidade da criança, portanto, para realizar uma ação educativa eficaz ela não deve se conservar alheia aos conhecimentos que favorecem o total desabrochar da pessoa, pelo contrário, deve se conservar atenta a todos os aspectos relacionados com a atividade de conhecimento, para realmente se constituir num meio propício ao desenvolvimento mental e pessoal da criança.

A atividade do professor é ensinar. Na sua acepção corrente é definida como uma atividade prática. É sobre esse referencial "prática docente", que levaremos os leitores a uma constante reflexão, visto que, a falta de preocupação neste aspecto revela-se como uma cortina no desenvolvimento infantil. É evidente que a sala de aula é um espaço onde as emoções são mais freqüentes e transparentes e o professor deve ter clareza e saber como funciona para administrá-la em si e no outro; assim enquanto o conhecimento do funcionamento emocional pode representar para o professor a mola mestra do equilíbrio diante das reações emocionais de seus alunos, sua ignorância pode significar o risco de uma escravidão ao circuito perverso. Segundo Granzotto (apud Elias, 1996, p.99), "É por intermédio das modificações comportamentais da área afetiva que a escola pode contribuir para a fixação dos valores e dos ideais que a justificam como instituição social".

Vê-se neste sentido, a intenção de trazer à tona, possibilidade de relevância na existência da sensibilidade na prática educativa, visto que, nos dias atuais, o docente deve estar ciente de que a aula não deve se limitar a uma mera transmissão de conhecimentos, deve enfatizar também o conteúdo emocional e o afetivo, como partes integrantes, que conduzem a facilitação do processo ensino-aprendizagem. Além disso, o educador deve estar aberto ao diálogo e acessível aos seus alunos para a partir daí criar situações favoráveis a serem utilizadas em sala de aula, buscando envolvê-los e ser envolvido por capacidade de sentir, agir e reagir efetivamente.

O estudo do presente tema focalizou o período de cinco dias em sala de aula de 2ª série do ensino fundamental, numa escola pública localizada na zona oeste de Aracaju, e se baseou em dados qualitativos, obtidos através da pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica que serviu de subsídio para os dados coletados em campo está embasada em teóricos da área educativa, a exemplo de: ALMEIDA(1999), ALVES(1994), GADOTTI(2002) e ELIAS(1996). A metodologia utilizada foi a observação direta e conversa informal com a professora e os alunos. Centralizando a preocupação no professor, em conhecer como o mesmo se posiciona diante do fenômeno da sensibilidade. Convém salientar que a prática pedagógica e análises aqui apresentadas não podem e não devem ser generalizados, tendo em vista o curto período de observação.

UM BREVE CONCEITO AO TERMO SENSIBILIDADE

A palavra sensível vem do latim *sensibilate* e constitui o elemento básico da sensibilidade. A mesma pode ser definida como a faculdade de experimentar sentimentos de humanidade, ternura, simpatia e compaixão. A sensibilidade é essencial na formação de indivíduos felizes, seguros, éticos e capazes de conviver com o mundo que o cerca.

O processo de conhecimento passa a ser percebido como um momento de apreensão amorosa, criativa, prazerosa e alegre se for propiciado àquele que aprende, uma vida de grande sensibilidade, que aprimorada e no espaço do convívio, implicará no desenvolvimento global de sua personalidade.

Portanto, compreender a necessidade vital de estar consciente de que o aprender é o elo de aproximação entre professor e aluno; e de que para realizar seu projeto de humanização, o aluno necessita instrumentalizar-se por intermédio de uma pedagogia fundamentada no respeito e solidariedade, ambos, professores e alunos sentem, aprendem e se inserem num processo interativo no qual a sensibilidade é o componente básico de viabilização que dá direcionamento e intensidade às ações pedagógicas rumo a um desenvolvimento promissor.

PRÁTICA PEDAGÓGICA: UM BALANÇO CRÍTICO

Administrar o cotidiano na sala de aula tornou-se um grande problema para a professora da escola pesquisada. Indisciplina, dispersão, brigas, sai e entra, dificuldades de todo tipo perturba a realização das atividades pedagógicas. Percebe-se um sentimento de perda de tempo, caos, incompetência. Neste contexto, o movimento torna-se sinônimo de desatenção, e como a atenção é necessária passa-se a eliminar o máximo dos movimentos, em alguns casos chegando ao ponto de considerar que se resolve a situação de aprendizagem pela retirada da criança que ameaça a concentração da sala de aula. Em virtude de interferir nas atividades das outras crianças que estão comportadas, o movimento é interpretado como indisciplina; as crianças mais agitadas irritam os professores. Almeida (1999) afirma que, com a preocupação de extinguir o que pode ameaçar a aprendizagem em sala de aula, ignora-se completamente um importante atributo do movimento: sua capacidade de representar as emoções. Por não fazer uso da sensibilidade, o professor fica completamente alheio à realidade circundante; de um lado se desgasta fisicamente e de outro, compromete sua atuação em sala de aula, prejudicando os alunos. Freire (1996, p.73) ressalta que:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Salienta-se ainda neste contexto que ninguém se comporta mal quando as aulas são interessantes, quando há limites, quando há aquela sintonia sensitiva entre aluno e professor, ou seja, em que ambos se dão bem, pois nas salas de aula em que há desordem muitas vezes não se sabe direito quais são as regras, sendo assim, as crianças testam os limites para defini-los por si mesma. Como podemos não perceber o diferencial descrito no texto de Bartolomeu Campos de Queirós “sua

voz mansa - mistura de fortaleza e doçura- me instigavam ao silêncio. Ela não pedia, mas eu a presenteava”. Não podemos deixar de refletir sobre a prática pedagógica de dona Maria, que anos depois seu aluno o referencia como sua inesquecível professora, não somente pelo conhecimento que dispunha, mas, pela maneira como tratava seus alunos. Como seria nossas escolas se houvessem Marias ou professoras como essa? Ainda nesse sentido Freire (1996, p. 92) salienta que, “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico”.

Negar inovações metodológicas no cotidiano da sala de aula é obscurecer possíveis significados que a prática docente poderá oferecer a seus alunos para a construção de uma sociedade mais justa, menos desigual, mais humana. E a culpa é do professor? Que podem fazer os professores? Que tipo de escola queremos para nossa sociedade? Que sociedade queremos para o futuro? As escolas não têm conseguido estabelecer um padrão de qualidade e uma relação eficaz entre a qualidade da oferta dos seus serviços e a qualidade de seu produto. Os professores não conseguem superar formas de ensino baseadas em exposições verbais e prescrições em boa parte desprovidas de qualquer sentido. Podem assumir esta ou aquela tendência pedagógica, podem intitular-se professores críticos, construtivistas, interdisciplinares, mas no dia-a-dia tendem a ser maus veiculadores do que se espera que inculquem, resultando em muitas formas de resistência por parte dos alunos.

Quando Gadotti (2002, p.3) afirma que “existe beleza em todo lugar, dependendo somente do olhar, da sensibilidade, da consciência, do trabalho e do cuidado”, está explícita a idéia de uma relação professor-aluno voltada para a sensibilidade de ver além do que parece estar visível aos nossos olhos, ou seja, de algo internalizado e refletido em nossos atos, percebido apenas quando se está em sintonia. Ainda para esse autor, professores infelizes na sala de aula, parte do contexto da dificuldade de manterem-se na profissão, em virtude do desrespeito, da indisciplina, do desinteresse, da falta de objetivos claros, em geral, o sentido para o que ensinam inexistente, e o aluno percebe dando respostas nas suas atitudes gerando violência em muitas escolas.

No texto em epígrafe de Bartolomeu Campos de Queirós quando se refere “seu olhar capaz de ver muito depois das coisas” está explícita essa sensibilidade aguçada de ambas as partes, pois o olhar do professor para o seu aluno é indispensável para a construção da sua aprendizagem, mediante uma postura da professora houve uma cumplicidade prazerosa na descoberta do conhecimento e no agir de ambos. Nesse sentido, Kupfer (2003 p. 39) cita que “Se de um lado as funções cognitivas se desenvolvem, evoluem, crescem, o sujeito de outro, se constitui”.

Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem um educador com capacidade para sentir, experimentar estados afetivos, agir e reagir efetivamente. Pois, segundo Gadotti (2002, p.14), a educação do futuro implica em novos saberes que se aproximem mais dos “aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, emocionais”, uma vez que só se aprende quando coloca emoção no que aprende.

Desse modo para esse autor “ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade”, fazendo fluir o saber dos alunos no momento em que juntos constroem sentido para a

vida das pessoas e para a humanidade. Enquanto nossas escolas continuarem preocupadas em ensinar e não pararem para pensar “o que é ensinar, como se aprende e porque se aprende”, teremos escolas como a que Nietzsche, (Apud Alves, 1994, p.21-22), definia que elas realizam um treinamento brutal com a juventude, com o propósito de preparar vastos números de jovens no menor espaço de tempo possível para se tornarem usáveis e abusáveis a serviço da economia. Nesse sentido Cláudio Saltini (apud Moura, 2006), alerta que:

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

A ausência de uma educação que busque o lado sensitivo na sala de aula traz prejuízos para a ação pedagógica, pois suas conseqüências atingem não só o professor, mas também o aluno, por isso se faz necessário conhecer seus alunos no aspecto não somente cognitivo, mas também emocional. Lamentavelmente nossos professores nem sequer dispõem dos requisitos de formação geral, habilidades de raciocínio flexível, visão estratégica etc., competências necessárias para dominar procedimentos tecnológicos. A atividade pedagógico-docente é um tipo de trabalho em que coexistem práticas marcadas pela precariedade profissional, pela improvisação (Libâneo, 2005). Assim é mais fácil garantir a presença das interações, das trocas entre parceiros e qualquer outra experiência vivida na escola que exerçam sensível influência na estrutura da personalidade da criança. Nesse sentido Kupfer (Apud Arantes, 2003, p.52) diz que “para todos, vale a aposta de que há ali um sujeito do desejo, para quem aprender é mais do que assimilação de conteúdos...”.

É importante destacar que são indispensáveis em uma sala de aula professores amantes de sua profissão, que desenvolvam em seus alunos um vínculo estreito de amizade e respeito mútuo, que não medem esforços para levar os seus alunos à ação, à reflexão crítica, a curiosidade, ao questionamento, que se dá conta da heterogeneidade, investigador e flexível, recria conteúdos e métodos e elabora diferentes situações educativas. No entanto, não pode permitir que sentimentos como afetividade, confiança, empatia e respeito entre professor-aluno, interfiram no cumprimento ético de seu dever como professor. FREIRE (1996, p. 159) cita:

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele.

Apesar de reconhecida que a aprendizagem progride pouco a pouco no meio da sensibilização da relação professor-aluno. Nota-se numa sala de aula com 35 alunos com faixa etária de 08 a 12 anos de idade, que a professora apesar de uma formação polivalente, não apresenta satisfação para introduzir o aluno para a aprendizagem, visto que, seus alunos, a maioria, são repetentes, não são alfabetizados e as relações afetivas inexistem.

Um trabalho promissor em sala de aula prevê atenção especial aos aspectos emocionais da criança,

uma vez que podem facilitar ou dificultar a aprendizagem, dependendo dos vínculos estabelecidos no processo de construção do conhecimento. A atenção dispensada ao fator emocional significa entender todas as manifestações do aluno. Assim, em vez de castigar o aluno, excluí-lo da sala de aula, ter pena o entender os problemas pessoais como desculpa para o não-desenvolvimento cognitivo, o professor deixará agir o seu lado sensitivo através de sua curiosidade, observação, de desafios, de carinho, etc, que promovam a auto-estima da criança. Desenvolvendo em si mesmo uma mensagem positiva, e a criança também sensível a estes estímulos poderão superar possíveis problemas e utilizarão sua inteligência amplamente.

Nesse contexto Gadotti (2002, p.34) afirma que o grande mal-estar de muitos professores e escolas está no “viver sem sentido” do que estão fazendo, enquanto o ato educativo está impregnado de sentido para nossas vidas. O professor deve ser capaz de despertar no aluno o desejo de aprender, tornando-o autônomo e sujeito da sua própria formação.

Traduzindo o papel do afetivo na aprendizagem, assim se expressa Snyders (1993, apud Elias, 1996, p.92):

O aluno aprende realmente bem o que cativa, numa atmosfera de aula que lhe pareça segura, com um professor que sabe criar afinidades. Eis porque a escola, ao mesmo tempo tem de conciliar o intelectual e o afetivo e constitui um lugar privilegiado para operar essa conciliação. A alegria na escola só é possível na medida em que o intelectual e o afetivo conseguem não se opor.

A GRANDE VIRADA

Sabemos da necessidade e da urgência de se enfrentar o desafio da mudança e de colocar em ação os meios pelo qual este verdadeiramente se concretiza. Por isso, temos de recuperar o tempo perdido, arregaçar as mangas e promover o desenvolvimento destas capacidades. O sistema de ensino brasileiro não pode continuar a consolidar e acentuar a desigualdade social. O ideal de um ensino de qualidade para todos não caducou, ele não pode ter caducado, porque a sociedade brasileira não cumpriu, ainda, as promessas inscritas na modernidade de autonomia e dignidade humana para todos.

Ao conservadorismo e a falta de comprometimento destes profissionais, precisamos responder com novas propostas que demonstram nossa capacidade de nos mobilizarmos para por fim aos arranjos, as aparências e a todos os argumentos que pretendem justificar a nossa incapacidade de fazer jus ao que todo e qualquer aluno merece: uma escola capaz de oferecer-lhe condições de aprender na convivência com outros, e nesse princípio, a sensibilização do outro é fundamental para um desenvolvimento promissor. E porque não começar fazendo uma ponte com o picadeiro, pois é lá que a verdadeira alegria se concretiza pautada na arte do encantamento é sinônimo de felicidade, pois para Gadotti (2002) num mundo de agressividade e desencantos, o novo professor é também um profissional do encantamento, promotor da vida e do bem viver, articulando ciência e arte, domina a arte de reencantar e despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar.

Para sobreviver o lado sensitivo necessita de expectadores, já que a ausência de outrem numa

determinada crise emocional é suficiente para enfraquecer ou mesmo fazer cessar sua manifestação; no exemplo da criança que, ao cair, só chora sua dor ou seu medo se houver testemunhas; caso contrário, seus efeitos logo cessam. A arte desenvolvida no picadeiro também precisa de expectadores, posto que só exista para promover a alegria, a emoção toma conta de ambos, atores e expectadores, assim deve ser na sala de aula, a emoção compartilhada nas descobertas, na cumplicidade, na simplicidade de um sorriso e de um olhar terno. Tão bem expressado pelo texto de Bartolomeu Campos de Queirós quando diz “Sei que nesses atos singelos, praticados com gestos amorosos, dona Maria Campos me ensinou demais”.

A sensibilidade representa um papel fundamental na evolução do homem porque tem como característica, a contagiosidade. O contágio sensitivo não apenas aproxima as pessoas, mas as integra ao grupo, despertando o espírito de cooperação e comunhão de sensibilidade entre todos, bem como a cumplicidade nos interesses e, conseqüentemente, na ação comum que constitui o grupo. Nesse sentido Gadotti (2002), adverte que, devemos educar os sentimentos, visto que somos o único ser vivo que busca respostas para o sentido da vida, e nossa diferença não está apenas limitada ao que pensamos, mas, porque sentimos. Desse modo, devemos “educar para sentir e ter sentido, para cuidar e cuidar-se, para viver com sentido cada instante da nossa vida”.

Na prática pedagógica utilizada pela professora observada, isto inexistente, pois sua visão de trabalho em grupo ou sua capacidade de sentir/detectar o erro, inviabiliza qualquer ação que se queira responder às suas necessidades. Não querendo generalizar de quem é a culpa? Partindo do senso comum, é fato direto dos baixos salários pagos aos professores, pela falta de verba do governo, pelo contexto social o qual a escola está inserida, pelo nosso sistema capitalista, etc. No entanto, é necessário que o professor perceba que essa posição é fruto das ideologias dominantes do sistema educacional, devendo haver por parte dos mesmos uma tomada de consciência. Nesse sentido Freire (1996, p.125), adverte que é fundamental à prática educativa saber é o que diz respeito à força, as vezes maior do que pensamos, da ideologia, e que esta tem a ver “diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna míopes”.

Mas há também um descomprometimento do professor em relação ao trabalho, pois todos dizem que desejam educandos sensíveis às suas reais dificuldades e as alheias; ativos; criativos; autônomos; capazes de decisão, porém, as suas ações educativas, enquanto atos educativos, mostram o contrário. O senso comum tornou-se primordial, agimos com e por ele, sem nos perguntarmos sobre a sua significação e validade. Só com a tomada de consciência desses elementos do senso comum e com a sua superação é que poderemos chegar a uma nova compreensão do educando, dando um salto à frente. Assim, a alegria que permeia o picadeiro, poderá fazer parte também da sala de aula, pois para Freire (1996, p.72): “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria.”

O enfrentamento dos desafios e obstáculos que permeiam a prática educativa só será possível a partir da tomada de consciência por parte do professor. Rever sua metodologia, seu posicionamento frente

aos seus alunos, poderá fazer a diferença, a alegria e emoção não serão compartilhadas apenas no piqueiro, mas, também em toda sala de aula. Assim haverá outras dona Maria e outros Bartolomeu a citar:

...Ingênuo, supondo ser a vida um processo de soma e não de subtração, juntei de cada um dos meus mestres um pedaço e protegi na minha intimidade. Concluo agora que, de tudo aprendido, resta a certeza do afeto como a primordial metodologia. Se dona Maria me tivesse dito estar o céu no inferno e o inferno no céu, seu carinho não me permitiria dúvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do que foi exposto percebe-se que a relação professor-aluno depende, exclusivamente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática desenvolvida com seus educandos, de sua disposição de ouvir, refletir e discutir o nível de entendimento dos educandos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles.

Neste ínterim é relevante que o docente desenvolva a arte da sedução pedagógica na qual ele, através do reencontro consigo: permita-se sonhar e que o aluno sonhe; desperte o desejo de aprender e de ensinar, e difunda o mundo da imaginação e da magia. É com a magia da educação que criaremos pessoas com mais sentimentos; alunos mais dóceis, menos violentos, capazes de construir um mundo melhor, com mais prazer, ou seja, adultos, mas sempre crianças.

O resgate da sensibilidade no ambiente escolar, é antes de qualquer coisa, se preocupar com os educandos, é reconhecê-los como indivíduos autônomos, com uma experiência de vida diferente da sua, com direito a ter preferências e desejos nem sempre iguais ao do educador.

Portanto, educar para a sensibilidade é ter consciência que o aprendizado não colocado nos livros é o que fica retido para sempre. O que é importante guardar na vida são as trocas e as relações que estabelecemos entre as coisas, os fenômenos e as pessoas. Nesse sentido Freire (1996, p.103) defende que, tão importante quanto o ensino de conteúdos,

...é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É respeito jamais negado ao educando, a seu saber de "experiência feito" que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço.

A título de encerramento, valeria indagar, tomando como contraponto concreto a falta da prática da afetividade em sala de aula, da qual o aluno se torna refém a maior parte do tempo: Qual mundo temos apresentado a nossos alunos? Quais de seus detalhes lhes temos apontado? Qual história queremos legar para novas gerações? Há ainda, no encontro habitual da sala de aula, responsabilidade por esse mundo e esperança de um outro melhor?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. São Paulo: Papyrus, 1999.

ALVES, Rubens Azevedo. **A alegria de ensinar**. 6. ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**. Normas para apresentação de trabalhos científicos. Rio de Janeiro, 2002.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Pedagogia Freinet teoria e prática**. São Paulo: Papyrus, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: Ensinar-e-aprender com sentido. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola, teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004

MOURA, Lucilene Tolentino. **A relação da afetividade com a inteligência**. Disponível em: <http://www.eduqenet.net/afetividade.htm>. Acesso em: 28.03.2006.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. Foram muitos os professores. In: ABRAMOVICH, Fanny (Org.). **Meu professor inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns dos nossos melhores escritores**. 3. ed. São Paulo: Gente, 1997. p. 25-33.

SILVA, João Paulo Souza. **A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem**. Disponível em: http://www.wspaçoacademico.com.br/052/52pc_silva.htm. Acesso em: 28.03.2006.

KUPFER, Maria Cistina Machado. **Afetividade e cognição**: uma dicotomia em discussão in Arantes, Valéria Amorin (Org.) **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 2003. p. 35-52.